

# A TEOLOGIA DA LITURGIA

## Da etimologia à mistagogia da “Lex Celebrandi”...

### “A vida em Ação de Graças” (Rm 12, 1-2)

“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança”.  
(Lm 3,21)

A Igreja tira a força espiritual, de que necessita para levar a cabo sua missão, da perpetuação do sacrifício da cruz na eucaristia e da comunhão do corpo e sangue de Cristo.

Deste modo a eucaristia apresenta-se como fonte e simultaneamente vértice de toda a evangelização, porque seu fim é a comunhão dos homens com Cristo e, nele, com o Pai e com o Espírito Santo”  
(SÃO JOÃO PAULO II – *Ecclesia de Eucharistia*, 22).

1. Desde o início da comunidade primitiva, os discípulos de Cristo, logo conhecidos pelo nome de «cristãos» (At. 11,26), se reuniam para a oração. Esta reunião recebeu o nome de *ecclesia*, assembleia, «Igreja». A pregação dos Apóstolos, a fracção do pão (a Eucaristia), as orações, o sentido da comunhão fraterna, eram os elementos fundamentais de tais assembleias (At. 2, 42 e 46). Pela primeira vez na história, ao advento da modernidade, a Santa Igreja se propôs fazer uma «reforma geral da Liturgia» em meados dos anos 60, com o **Pontificado de São João XXIII**. Neste sentido, o próprio pontífice decretou o Concílio Vaticano II (cf. SC 21) como uma proposta sobretudo de **aggiornamento à Ecclesia**, ou seja, uma reforma em que a Igreja pudesse evidentemente conversar, dialogar com o mundo. E o enfoque na liturgia, numa espécie de reforma, porquê? **Porque a Liturgia não estava sendo já, para o povo cristão, aquilo que constitui a sua própria definição, a «Oração da Igreja».** Não o estava sendo, não dizemos em princípio, mas de fato, em relação à vida corrente das pessoas e das comunidades cristãs. Na realidade, a Liturgia não estava sendo já olhada pelos fiéis como a forma principal e normal da oração, como o fôra desde o princípio<sup>1</sup>.

Para compreender a beleza da celebração eucarística desejo iniciar com um aspeto muito simples: a Missa é oração, aliás, é a oração por excelência, a mais elevada, a mais sublime, e ao mesmo tempo a mais “concreta”. Com efeito é o encontro de amor com Deus mediante a sua Palavra e o Corpo e Sangue de Jesus. É um encontro com o Senhor [...] **Cada celebração da Eucaristia é um raio daquele sol sem ocaso que é Jesus ressuscitado.** Participar na Missa, em particular aos domingos, significa entrar na vitória do Ressuscitado, ser iluminados pela sua luz, abrasados pelo seu calor. Através da celebração eucarística o Espírito Santo torna-nos partícipes da vida divina que é capaz de transfigurar todo o nosso ser mortal. E na sua **passagem** da morte para a vida, do tempo para a eternidade, **o Senhor**

---

<sup>1</sup> O contexto imediato que sugeria uma reforma na liturgia ocorre com a Encíclica *Mediator Dei*. A MD de Pio XII apresenta um conjunto de intuições teológico-pastorais advindas do *Movimento Litúrgico*. A encíclica pretende reelaborar o conceito de liturgia em função da contribuição das novas pesquisas, apresentando uma nova definição para ele: “A *sagrada liturgia* é, portanto, o culto público que o nosso Redentor rende ao Pai como cabeça da Igreja, e é o culto que a sociedade dos fiéis rende à sua cabeça, e, por meio dela, ao eterno Pai. É, em uma palavra, o culto integral do corpo místico de Jesus Cristo, ou seja, da cabeça e de seus membros” (MD, 17).

Jesus arrasta também a nós com Ele para fazer a Páscoa. **Na Missa faz-se a Páscoa.** Nós, na Missa, estamos com Jesus, morto e ressuscitado e Ele arrasta-nos em frente, para a vida eterna. Na Missa unimo-nos a Ele. Aliás, Cristo vive em nós e nós vivemos n'Ele: "Estou crucificado com Cristo — diz Paulo —, já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (Gl 2, 19-20). Paulo pensava desta forma<sup>2</sup>.

## 2. Celebração da Ceia na comunidade cristã de Corinto – O texto<sup>3</sup> diz:

*"Dito isso, não posso elogiar vocês, porque as suas assembleias, em vez de ajudá-los a progredir, os prejudicam. Antes de tudo, ouço dizer que, quando estão reunidos em assembleia, há divisões entre vocês. E, em parte, eu acredito nisso. É preciso mesmo que haja divisões entre vocês, a fim de que se veja quem dentre vocês resiste a essa prova. De fato, quando se reúnem, o que vocês fazem não é comer a Ceia do Senhor, porque cada um se apressa em comer a sua própria ceia. E, enquanto um passa fome, outro fica embriagado. Será que vocês não têm suas casas onde comer e beber? Ou desprezam a Igreja de Deus e querem envergonhar aqueles que nada têm? O que vou dizer para vocês? Devo elogiá-los? Não! Nesse ponto não os elogio. De fato, eu recebi pessoalmente do Senhor aquilo que transmiti para vocês. Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: "Isto é o meu corpo que é para vocês; façam isto em memória de mim." Do mesmo modo, após a Ceia, tomou também o cálice, dizendo: "Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que vocês beberem dele, façam isso em memória de mim." Portanto, todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha. Por isso, todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Portanto, cada um examine a si mesmo antes de comer deste pão e beber deste cálice, pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação. É por isso que entre vocês há tantos fracos e enfermos, e muitos morreram. Se nós examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados; mas, o Senhor nos corrige por meio de seus julgamentos, para que não sejamos condenados com o mundo. Em resumo, irmãos, quando vocês se reúnem para a Ceia, esperem uns pelos outros. Se alguém tem fome, coma em sua casa. Assim vocês não estarão se reunidos para a própria condenação. Quanto ao resto darei instruções quando aí chegar."*

(1Cor 11,17-34).

3. A liturgia da Igreja, desde a primitividade sempre foi a mesma... e isso nos mantém como uma instituição de grande prestígio até os dias atuais. O Papa emérito Bento XVI nos chama atenção para o verdadeiro sentido dessa participação ativa na liturgia, que deve ser vista como algo mais profundo do que meramente o engajamento em uma ação. *A participação que a liturgia exige é comparável à participação em Deus, produto da graça sacramental.* Por isso, a participação ativa não termina com o final da celebração, mas segue na vida e não pode ser imposta aos homens pelo exterior, como um espetáculo, mas deve brotar da vida espiritual, construída com formação e prática (Ratzinger, 1999, p. 97)<sup>4</sup>. Bem, sobre a **história da liturgia** – iniciemos com o culto judaico. Ele representou a transposição da religião da natureza para um culto baseado na Aliança de Deus com os homens. A partir do dever de ter a Aliança sempre

<sup>2</sup> PAPA FRANCISCO. **A Santa Missa segundo o Papa Francisco.** Compilação de uma série de audiências que o Papa Francisco concedeu sobre a Santa Missa. Estas audiências específicas se iniciaram em novembro de 2017 e se encerraram em abril de 2018.

<sup>3</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM – 6ª impressão; – 2010. São Paulo; Paulus, 2002.

<sup>4</sup> RATZINGER, Joseph. **La Fiesta de la Fe: Ensayo de Teología Litúrgica.** 3. ed. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1999.

presente nos momentos de culto, o Judaísmo desenvolveu o conceito de memória (**zikkarón**). A experiência do Êxodo, com a memória cultural, torna-se sempre presente e a ação do Deus de Israel, que cuida de seu povo com amor, é ainda mais unida à vida do povo. Durante a ceia pascal judaica, faz-se uma bênção importante, chamada berakah, que será a matriz da atual Oração Eucarística. Essencialmente – Jesus Cristo pratica o culto judaico (cf. Lc 4,16); porém, defende um culto em espírito e verdade (cf. Jo 4,20-24), onde a comunicação com Deus é possível (cf. Mc 15,37s), por meio de Cristo Jesus, intercessor da humanidade (cf. Hb 10,19-22). **O verdadeiro culto implica em mudança: oferecimento de si mesmo (cf. Rm 12,1) e o envolvimento total com o Evangelho (cf. 1Pd 2,5)**<sup>5</sup>. “Durante algum tempo, os primeiros cristãos frequentaram o templo e observaram a lei, embora tivessem suas próprias celebrações, entre as quais sobressaíam o batismo e a fração do pão ‘nas casas’ (cf. At 2,41-42.46). A Didaqué, do século II, já testemunha o domingo como o dia de culto por excelência: “Reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro” (cap. XIV)<sup>6</sup>.

4. Assim, neste encontro, denominado de **A Teologia da Liturgia**, após este proêmio instrutivo, faz-se necessário a definição de teologia para o catolicismo. A Teologia pode ser definida como a ciência na qual a razão do crente, guiada pela fé teologal, se esforça em compreender melhor os mistérios revelados em si mesmos e em suas consequências para a existência humana. Santo Anselmo de Cantuária escreveu: **“Fides quaerens intellectum”** (a fé que busca compreender). A Teologia é uma reflexão à luz da revelação e da fé. A fé (enquanto adesão a Jesus, conhecimento, prática e esperança) é objeto da teologia, é sua matéria prima, tema, assunto. A fé também é o diferencial da teologia, enquanto luz que ilumina a razão que busca compreender. Simultaneamente, a teologia é reflexão sobre a fé e à luz da fé. **“A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio”** (Cf. João Paulo II, Carta Encíclica Fides et Ratio, nº. 1). Fé em seu sentido bíblico-cristão assim como se desenvolveu na tradição cristã dentro da história do que hoje chamamos de Ocidente. Evidentemente se trata de uma “fé religiosa” (e não apenas “fé antropológica”). Razão, por sua vez, é tomada aqui como síntese de todo um campo semântico que indica: inteligência, reflexão, compreensão, consciência, ciência, enfim conhecimento. Portanto, sempre na busca de uma fé inteligente – *“fides quaerens intellectum”* – a Igreja divide a Teologia em campos de reflexões. Neste caso, neste tema, iremos estudar a Teologia Litúrgica, ou seja – fazer a *“reflexão teológico-simbólica sobre o modo como a obra salvífica de Cristo é celebrada/atualizada na Igreja”*

Deus, que «quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tim 2, 4), «tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas» (Heb 1, 1), quando chegou a plenitude dos tempos enviou o seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como “médico da carne e do espírito”, Mediador entre Deus e os homens<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> TRIACCA, Domenico Sartore e Anchille (Org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992.

<sup>6</sup> <https://textosparaestudo.files.wordpress.com/2014/08/apostila-de-liturgia-1b.pdf> - Aprofundamento sobre a História da Liturgia como ritual praticado ininterruptamente... I. A Liturgia na Igreja Primitiva, II. A Liturgia na Igreja do Império; III. A Liturgia de Gregório Magno a Gregório VII; IV. A Liturgia do Concílio de Trento e – V. A Liturgia no Concílio Vaticano II e no pós-Concílio. Cf. sobretudo – NEUNHEUSER, Burkhard, OSB. **História da Liturgia através das épocas culturais**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

<sup>7</sup> SC, 5; citações internas: Is 61, 1; Lc 4,18. Cf. – S. Inácio de Antioquia, **Aos Efésios**, 7, 8; F. X. Funk, *Patres Apostolici*, I, Tubinga, 1901, p. 218. Cf. pois, – Cf. I Tim 2, 5.

5. Importante também salientar que a Igreja dispensa a Teologia, como proposta de fundamentação do seu ser e agir, através de condicionamentos específicos. Neste caso, vamos partir de uma definição, sobretudo pós-conciliar – em relação a compreensão da liturgia. Nela a Igreja celebra o mistério cristão em primeiro lugar nos sacramentos: *"O que no nosso Salvador era visível passou para os seus mistérios"* (S. Leão Magno, C/C 1115). Assim, ao abordar a celebração da economia sacramental e do mistério pascal no tempo da Igreja, o Catecismo, por exemplo, trata em primeiro lugar da Liturgia como obra da santíssima Trindade (C/C 1077-1112). O Mistério pascal de Cristo tem n'ela a sua origem e encontra o seu fim. **Tudo vem do Pai e tudo volta ao Pai por Cristo no Espírito Santo**. Nenhum documento anterior deu tanto relevo ao carácter trinitário do culto cristão. Eis um contributo teológico que convém acentuar.

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no Sacrifício da Missa, tanto na pessoa do ministro – «O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu outrora na Cruz» – como e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente por sua virtude nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, porque é Ele que fala quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18, 20)<sup>8</sup>.

6. Ao falar da liturgia como encontro entre Deus e o seu povo, estamos considerando a liturgia como uma realidade teologal, como o fez a *Mediator Dei* (Pio XII, 1947) e como confirmou e completou o Concílio Vaticano II, principalmente em SC (1963), assumindo as teses centrais do *Movimento Litúrgico*, a partir de estudos bíblicos, patrísticos, históricos, teológicos. Não se trata de uma inovação, mas de uma 'volta às fontes'. **A partir daí, a liturgia não pode mais ser considerada como a parte 'externa' e 'sensível' do 'culto', um conjunto de ritos e cerimônias bonitas, decorativas. Não pode mais ser reduzida a uma expressão da 'virtude da religião' ou da devoção, por iniciativa do ser humano frente ao Criador. Também não podemos restringir a liturgia a seus aspectos jurídicos e suas rubricas, como se a eficácia e o valor da liturgia dependessem de uma minuciosa obediência às prescrições ritualísticas. A liturgia é um encontro do Deus vivo com o seu povo, aqui e agora, para fazê-lo participante de sua vida, para viver em comunhão com ele, para que o projeto de Deus se realize.** É participação no próprio mistério de Deus. O Cristo Ressuscitado, com seu Espírito, está presente na assembleia eclesial reunida para fazê-la passar, junto com ele, da morte para a vida e se tornar assim, no meio do mundo, uma semente do Reino de Deus, o início do mundo novo que brota da ressurreição de Jesus, o Cristo. A Igreja é o ápice da continuidade da ação de Cristo no mundo. A *Lumen Gentium* a denomina como instrumento e sacramento de salvação (LG, 1) e por isso se considera sua sacramentalidade como a

[...] garantia de sua origem vinculada a Jesus Cristo, manifestando, simultaneamente, sua dimensão teleológica e a especificidade da salvação operada por Deus nela, por meio do único Salvador. O Senhor Jesus, único Salvador, não formou uma simples comunidade de discípulos, mas constituiu a Igreja como mistério salvífico: Ele mesmo está na Igreja e a

---

<sup>8</sup> SC, 7. citações internas: Conc. de Trento, Sess. XXII, 17 Set. 1562, Douf. Dess. Missae sacrif., c. 2: Concilium Tridentinum, ed. cit., t. VIII, Actas: Parte V, Friburgo da Brisgóvia, 1919, p. 960. 21 Cf. S. Agostinho, In – Joannis Evangelium Tractatus VI, c. I, n. 7: PL 35, 1428.

Igreja nele (cf. Jo 15,1ss; Gl 3,28; Ef 4,15-16; At 9,5); por isso, a plenitude do mistério salvífico de Cristo pertence também à Igreja, unida de modo inseparável a seu Senhor. Jesus Cristo, com efeito, continua a estar presente e a operar a salvação na Igreja e mediante a Igreja (cf. Cl 1,24-27), que é seu Corpo (cf. 1Cor 12,12-13.27; Cl 1,18) (Dominus Iesus, n. 16).

Em sentido mais plenificado,

O sentido teológico de cada sacramento não é independente da ação ritual, mas está como que 'embutido' nela; não está limitado à 'fórmula' e ao gesto sacramental central, mas inclui todos os elementos e todo o desenrolar da celebração, desde os ritos iniciais até os finais<sup>9</sup>.

7. Assim como no encontro do dia 27/11/2020, nossa irmã Suzi Mara citou o Pe. Geovanne que afirmara que *"não se ama o que não se conhece"*, reforçamos neste "tom" que – como dizia também Blaise Pascal, – *"só podemos conhecer, as partes, se conhecermos o todo em que se situam e só podemos conhecer o todo, se conhecermos as partes que o compõem"*. Neste sentido – **é preciso conhecer** – e assim o sendo, W. Kasper nos ajudará ao explicitar da seguinte forma o fundamento histórico da **dimensão SACRIFICIAL DA LITURGIA**

*«Para reprimir um puro simbolismo e preservar a realidade da presença real de Jesus na Eucaristia, acabou por separar-se, de um lado, a presença da carne e do sangue de Jesus Cristo, e, do outro, a actualização anamnético-simbólica do sacrifício da Cruz. Deste modo ainda se podia explicar a presença da pessoa e do fruto salvíficos, mas já não a presença do acontecimento salvífico e, por conseguinte, teve de levar-se a cabo a separação entre o sacramento e o sacrifício da Eucaristia. Porque já não conseguia compreender-se a Eucaristia como símbolo real sacramental da passio Christi, era forçoso que o carácter sacrificial da Eucaristia e a sua relação com o sacrifício da Cruz se tornasse um problema simplesmente insolúvel.»<sup>10</sup>*

**Durante a Última Ceia, aquele momento inefável no qual Deus se encontra tão próximo do homem, Cristo revela a última dimensão do infinito amor de Deus no dom total de Si: "Isto é o meu Corpo que será entregue por vós" (Luc 22, 19). Deste modo, a Eucaristia é o ápice da autocomunicação de Deus, "a presença viva e real do amor trinitário de Deus.". A Eucaristia é a última consequência do ser dom de Deus. Por meio da Eucaristia, **Deus quis existir como um dom "total" e "absoluto" para cada um de nós.** Assim, a Eucaristia é o dom extremo de amor das Três Pessoas Divinas:**

- Dom do Pai: "De tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho Único" (Jo 3, 16).
- Dom do Filho: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos" (Jo 15, 13).
- Dom do Espírito: "O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rom 5, 5)<sup>11</sup>.

São João Paulo II também nos ensina que a Eucaristia é precisamente Jesus que está no meio de nós, verdadeira e realmente, embora se nos manifeste sob as espécies do pão e do

<sup>9</sup> Cf. GIRAUDO, **Num só corpo; tratado mistagógico sobre a eucaristia**, SP, Loyola, 2003 pp. 1-13. Vejam ainda: TABORDA, F. **Nas fontes da vida cristã; uma teologia do batismo-crisma**, São Paulo, Loyola, 2001 (Col. Theologica, 4); TABORDA, Francisco, *Da celebração à teologia; por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos*, In: **REB 64** (2004) 588-615, fasc. 255.

<sup>10</sup> W. KASPER, *Unidade e multiplicidade dos aspectos da Eucaristia*, In **Communio 3** (1985) 211.

<sup>11</sup> ALDAZÁBAL, José. **A Eucaristia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

vinho. Estes, é verdade, não nos permitem a alegria de Sua visão sensível, mas oferecem-nos a segurança de Sua presença efetiva e a vantagem da Sua multiplicidade em todos os lugares e em todos os tempos.

"A Eucaristia é, pois, o ponto privilegiado do encontro do amor de Cristo por nós: "Permaneça no Meu amor" (Jo, 15, 9). É um amor que se torna disponível para cada um de nós, um amor que se converte em alimento e bebida para nossa fome e sede de vida, quando o próprio Jesus nos convida a "beber do fruto da videira" (Mc 14, 25)<sup>12</sup>.

8. São João Paulo II ainda chama a **Eucaristia de Sacramento do Sacrifício**. Como é comum, ele recorde a extensa tradição desta dimensão da Liturgia, pois, de fato, no Cenáculo, Jesus instituiu o Sacramento do Sacrifício, sinal de uma realidade que ainda estava por se desdobrar numa série de acontecimentos. As palavras com que é instituída a Eucaristia não apenas anteciparam o que viria a ser realizado no dia seguinte, elas também sublinham expressamente o fato de que essa realização já próxima possuía o significado e o alcance de um sacrifício.

Instituindo a Eucaristia, Jesus "não se limitou a dizer "isto é o meu corpo" – "isto é o meu sangue", mas acrescenta: "entregue por vós" (...) "derramado por vós" (Lc 22, 19-20). Não se limitou a afirmar que o que lhes dava a comer e a beber era o seu corpo e o seu sangue, mas exprimiu também o seu valor *sacrificial*, tornando sacramentalmente presente o seu sacrifício, que algumas horas depois realizaria na cruz pela salvação de todos."<sup>13</sup>

Deste modo, na Última Ceia, o Senhor pôs nas mãos dos Apóstolos e da Igreja, o verdadeiro sacrifício. Aquilo que no momento de sua instituição, foi uma antecipação real da realidade sacrificial do Calvário, tornou-se **"o memorial"** que perpetua de uma maneira sacramental esta mesma realidade redentora. Eis porque a primeira Missa na Quinta-feira Santa foi uma verdadeira antecipação do sacrifício da Cruz, enquanto que toda Missa depois da Sexta-feira Santa é uma participação real nele. Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, o memorial da morte e ressurreição do Senhor, este evento central da salvação, torna-se realmente presente, e exerce-se a obra de nossa redenção<sup>14</sup>. Diz São João Paulo II:

A Eucaristia, enquanto renovação sacramental do sacrifício da Cruz, constitui o ponto culminante da obra redentora: ela proclama e atualiza aquele Mistério, que é fonte de vida para todo o homem. Com efeito, todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos a morte do Senhor até que venha (cf. I Cor 11, 26)...<sup>15</sup>

9. A arte da Liturgia é uma constante expressão das nossas experiências, das expectativas e perspectivas, na relação do encontro do ser humano com o Criador, com seus semelhantes e com a natureza. O universo inteiro é uma liturgia, uma liturgia cósmica que eleva toda a criação ao trono de Deus. Nessa relação, nossa vida cotidiana é uma práxis litúrgica, uma ação consciente transformadora, onde, os desejos e intenções expressam por palavras nossa celebração em um encontro com Deus, com a comunidade e com o significado da existência na

---

<sup>12</sup> SÃO JOÃO PAULO II. *Homilia (9 de maio de 1986)*, 2; **L'Oss. Rom.** (ed. port.: 18 de maio de 1986).

<sup>13</sup> *Ibidem*, *Ecclesia de Eucharistia*, 12.

<sup>14</sup> Cf. *Lumen Gentium*, 3.

<sup>15</sup> Cf. SÃO JOÃO PAULO II. *Homilia (28 de março de 1991)*, 3; ORP (31 de março de 1991).

Criação. Desta forma, a própria Criação é uma liturgia como nas palavras de São Francisco de Assis:

A própria criação, toda ela, é vista pelo ser humano como uma imensa memória —celebrativa da —liturgia do Criador. —Obras do Senhor, bendizei o Senhor, louvai-o e exalai-o pelos séculos sem fim, convoca e canta o profeta Daniel. —Céus do Senhor, anjos do Senhor, águas do alto céu, potências do Senhor, lua e sol, astros e estrelas, chuvas e orvalhos, brisas e ventos, fogo e calor, frio e ardor, orvalhos e garoas, geada e frio, gelos e neves, noites e dias, luzes e trevas, raios e nuvens, ilhas e terra, montes e colinas, plantas da terra, mares e rios, fontes e nascentes, baleias e peixes, pássaros do céu, feras e rebanhos, filhos dos homens, filhos de Israel. (FRANCISCO DE ASSIS *Apud*. ELOÍ, 2004. p. 104-105.)

10. A **dimensão ESCATOLÓGICA**, o grande Maranathá, “Vem Senhor Jesus, vem libertar seu povo, renovar a história, nos levar à glória” (Cf. Rodrigo dos Santos). Celebramos “já e ainda não”, celebramos o porvir! *O que será esse porvir?* Esse porvir só tem sentido quando pensamos em nossa vida em nossa história individual, de cada ser humano, como uma pequena célula de um corpo, como uma pequena pincelada no quadro, obra prima de Deus que é a história da humanidade convertida em história de salvação. Mas é preciso pensar em salvação não simplesmente como remissão dos pecados, falhas pessoais e individuais que cometemos no nosso cotidiano, mas sim na perspectiva do Reino de Deus, onde esperamos estar e participar com Ele. Assim, podemos ver a concordância dos autores: Moltmann, Boff, Queiruga e Ratzinger, que afirmam:

De fato, a fé cristã vive da ressurreição do Cristo crucificado e se estende em direção as promessas do retorno universal e glorioso de Cristo. Escatologia é “paixão” em dois sentidos, o de sofrimento e o de tendência apaixonada, que tem sua fonte na obra de Cristo Jesus. Por isso mesmo a escatologia não pode ser simplesmente parte da doutrina cristã. Ao contrário toda a pregação e mensagem cristãs tem uma orientação escatológica a qual é também essencial à existência cristã e a totalidade da Igreja. Por isso, existe um único verdadeiro problema da teologia cristã, proposto pelo seu próprio fim e, por meio dele, proposto à humanidade e à reflexão humana: o problema do futuro. Com efeito aquilo que encontramos nos testamentos bíblicos como objeto de esperança é “o Outro”, algo que não podemos pensar nem imaginar a partir das experiências que já tivemos e da realidade dada. Algo que, no entanto, nos é apresentado como promessa de algo novo, o objeto de esperança que está no futuro de Deus. O Deus de que aí se fala, não é o Deus intramundano ou extramundano, mas o “Deus da esperança”(Rm15,13); O Deus que tem o “futuro como propriedade do ser”(E. BLOCH), tal como se apresenta no êxodo e nos profetas de Israel; o Deus que não podemos ter em nós, nem está acima de nós, mas sempre diante de nós, que vem ao nosso encontro em suas promessas do futuro, a quem, por isto mesmo não podemos “possuir”, mas só ativamente aguardar em esperança. Por conseguinte, a teologia correta deve ser pensada a partir de sua meta futura. A escatologia não deve ser seu fim, mas seu princípio.”<sup>16</sup>

Pois na Escatologia:

---

<sup>16</sup> MOLTSMANN, Jürgen – **Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia Cristã**; Tradução Helmut Alfredo Simon; 3ª ed; São Paulo; SP: Teológica /Loyola. Cf. também – BOFF, Leonardo - **Vida Para Além Da Morte: o presente; seu futuro, sua festa, sua contestação** – 25.ed. – Petrópolis, Rj; Vozes, 2010.

A verdade do homem não está no homem como se encontra hoje, mas no homem como será amanhã e como já foi, antecipatoriamente, manifestado em Jesus Ressuscitado. Como dizia excelentemente Santo Inácio de Antioquia: "Quando chegar lá (no céu) então é que serei homem".

E, se conclui com Moltmann

Essa presença da vindoura Parusia de Deus e de Cristo nas promessas do Evangelho do crucificado não nos arranca do tempo, nem faz parar o tempo, antes fura o tempo e move a história; não é a negação do sofrimento por causa do não-ser, mas a aceitação e inserção da não existência na lembrança e na esperança."<sup>17</sup>

11. Deixai que Jesus, presente no Sacramento, fale ao vosso coração. Ele é a verdadeira resposta da vida que buscais. Ele permanece aqui conosco: é o Deus conosco. Procurai-O sem vos cansardes, recebei-O incondicionalmente e amai-O sem tréguas: hoje, amanhã e sempre<sup>18</sup>. Trataremos agora da **SACRAMENTAL DA LITURGIA**. Recordemos para prosseguir:

LITURGIA PRESENÇA: Jesus permanece no meio de nós pela Eucaristia. Sua presença oculta fica, porém, muitas vezes ignorada. Como Pão da Vida, Ele quer nos assimilar cada vez mais a si mesmo a fim de viver em nós e, através de nós, continuar a sua presença aqui na terra. Eis o grande desafio de nossa vida: testemunhar Jesus no mundo e partilhar Jesus com os outros, como o fez Maria.

→ LITURGIA SACRIFÍCIO: Na Eucaristia, Cristo deixou-nos seu sacrifício redentor a fim de que todos os homens pudessem ter parte nele. É necessário então que tornemos nosso, o sacrifício de Cristo, oferecendo com Ele e n'Ele nossos sofrimentos e tribulações e, mais que tudo, a nós mesmos. Desta forma, podemos eficazmente cooperar na salvação de nossos irmãos e irmãs. O sacrifício eucarístico é, portanto, um contínuo convite para "completar na nossa carne o que falta às tribulações de Cristo, por seu corpo que é a Igreja" (cf. Col 1, 24). Maria, por sua vez, foi a primeira a viver esta dimensão sacrificial da Eucaristia.

→ LITURGIA COMUNHÃO: A Eucaristia nos é dada como comunhão. Ela edifica a Igreja como uma comunidade, unindo-nos a Cristo e uns aos outros n'Ele. Por isso, temos que aprender a nos abirmos em direção aos nossos irmãos e irmãs e a nos envolvermos em suas existências. A nossa união de amor com Cristo na Sagrada Comunhão deveria traduzir-se num genuíno amor a todas as pessoas, a começar com aquelas que nos são mais próximas. Maria, a mãe do amor e da unidade, nos ajude a sermos cada vez mais instrumentos de unidade no meio dos irmãos!<sup>19</sup>.

Conforme citado em aula, a ideia de SACRAMENTO e SACRAMENTALIDADE foi emprestada de Leonardo Boff, que nos presenteou com a obra que se apresenta em resumo.

---

<sup>17</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen – **Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia Cristã**; Tradução Helmut Alfredo Simon; 3ª ed; São Paulo; SP: Teológica /Loyola. Cf. também – BOFF, Leonardo – op. Cit.

<sup>18</sup> Cf. SÃO JOÃO PAULO II. *Discurso (27 de setembro de 1997)*, 3; ORP (4 de outubro de 1997), 5.

<sup>19</sup> BOROPIO, Dionisio (org.). **A Celebração na Igreja. Vol. I: Liturgia e Sacramentologia Fundamental**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

O livro *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*<sup>20</sup>, de Leonardo Boff, é dividido em quatorze capítulos, e já em sua introdução deixa claro que tem como objetivo ajudar aos leitores a se despertarem à dimensão sacramental adormecida ou profanizada em nossa vida. E assim, despertados é que se pode celebrar a presença misteriosa e concreta da graça que habita nosso mundo. Através de pequenas histórias procura levar os leitores a entenderem os sacramentos da vida para que possam entrar na Vida dos Sacramentos. Durante pesquisa foi possível encontrar que o autor de tal livro o escreveu para apresentar a sua mãe de maneira bem simples o conteúdo de sua defesa de doutorar, que ao entregar a leu do anoitecer de um dia ao amanhecer do outro.

No primeiro capítulo, *A porta de entrada do Edifício Sacramental*, o autor afirma que o homem que está no mundo é um ser capaz de ler e interpretar a mensagem inscrita nas coisas do mundo (sistema de signos). Para que o homem possa decifrar e descrever esta mensagem é necessário que tenha os olhos abertos, um espírito que possa ver além de qualquer paisagem e alcançar para além de qualquer horizonte. Destaca o autor, o homem moderno se faz de cego a certo tipo de símbolos e ritos. E isto não é culpa do homem moderno, mas sim dos ritos. Pois, os ritos atuais pouco falam por si mesmo, precisam ser explicados e assim perde a sua essência, sinal que precisa ser explicado não é sinal. O que deve-se explicar é o mistério contido no sinal. Assim sendo, para o Boff, a linguagem do sacramento, a qual nunca é apenas descritiva. É principalmente evocativa, pois narra um fato, conta um milagre, descreve uma revelação divina para evocar no homem o comportamento de Deus. Essa linguagem é performativa, isto é, leva a modificar a práxis humana. Induz à conversão.

No segundo capítulo, *O Sacramento da Caneca*, Leonardo Boff narra uma história de uma caneca de alumínio que a família carrega desde muito tempo – da roça à cidade, dos nascimentos às mortes para dizer que a Igreja tudo pode ser sinal sacramental da graça divina. Sacramentos são “sinais que contém, exibem, rememoram, visualizam e comunicam outra realidade diferente deles, mas presente neles” (p. 18). Quem olha de fora com um olhar científico não enxerga o mesmo que quem olha de dentro com um olhar sacramental. Como diz o autor, o sacramento modifica o mundo, pois a água que se bebe na caneca pode ser qualquer água. Mas desde que foi servida e sorvida na caneca-sacramento, para aquele que entende e vive a visão interior das coisas é ela diferente. Comunica a vida, fala do mistério presente nas coisas.

No capítulo terceiro, *O Sacramento do Toco de Cigarro*, Leonardo conta sobre um pequeno toco de cigarro que guarda no fundo da gaveta. O toco de cigarro do pai lembra ao autor o pai que viveu e vive com ele. Ele remonta à fé, que “ilumina e exorciza o absurdo da morte” (p. 22). Faz-nos ver que toda vez que uma realidade do mundo, sem deixar o mundo, evoca uma outra realidade diferente dela, ela assume uma função sacramental. Deixa de ser coisa para se tornar sinal ou um símbolo, de alguma coisa ou de algum valor para alguém. O que faz algo ser um sacramento é o convívio com as coisas que as cria e recria simbolicamente. Quanto mais profundamente o homem se relaciona com o mundo e com as coisas do seu mundo, mais aparece a sacramentalidade.

No quarto capítulo, intitulado *O Sacramento do Pão*, é relatada a história da mãe que faz pão em casa e que, como num ritual, distribui um pedaço para cada um de seus filhos. Recordando essa ilustração do pão, vê-se que esse pão é “diferente porque recorda e traz presente por si mesmo (in-manência) e através de si mesmo (trans-parência) algo que vai além de

---

<sup>20</sup> BOFF, Leonardo. **Os Sacramentos da vida e a vida dos sacramentos**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

si mesmo (trans-cendência)" (p. 29). E essa é a dimensão sacramental daquele gesto que a mãe zelosamente repete. O mundo não é só dividido em in-manência e trans-cendência. A transparência quer dizer exatamente isso: o trans-cendente se torna presente no in-manente, fazendo que este se torne trans-parente para a realidade daquele. O trans-cendente irrompendo dentro do in-manente transfigura o in-manente. Torna-o trans-parente. – pensar sacramental. O sacramento (transparência) participa de dois mundos: do trans-cendente e do in-manente.

No quinto capítulo, *O Sacramento da Vela Natalina*, Boff assegura que para quem vê tudo a partir de Deus, o mundo todo é um grande sacramento; cada coisa, cada evento histórico surge como sacramento de Deus e de sua divina vontade. Sendo possível apenas para quem vive Deus. Os sacramentos possuem ambivalência ou dois movimentos: um que vem de Deus para a coisa e outro que vai da coisa para Deus. O sacramento possui duas funções, a função indicadora e a função reveladora. Sendo que a função indicadora, indica e aponta para Deus presente dentro dele, não com o objeto, mas no objeto. Vai do objeto para Deus. E em sua função reveladora o sacramento revela, comunica e expressa Deus presente nele. Não tira o homem de seu mundo, mas dirige um apelo para que olhe mais profundamente para dentro do coração do mundo.

No sexto capítulo, *O Sacramento da estória da Vida*, o autor traz alguns fatos da vida humana e de sua vida em particular, e diz que há momentos na vida nos quais a consideração do passado constitui a verdade do presente. O fato passado antecipa, prepara, simboliza o futuro, assume assim, um caráter sacramental. A Bíblia apresenta a história como sacramental. No Antigo Testamento o povo judeu vê o passado como sacramento do presente. O Novo Testamento vê em Jesus Cristo ressuscitado o "fato decisivo da humanidade: aí se mostrou a libertação da morte, das limitações da vida e o absurdo histórico é possível" (p. 41). Todos os outros personagens e acontecimentos históricos são sacramentos de Cristo. O autor termina o capítulo afirmando que a vida humana é releitura do passado, como forma de viver o presente e de cobrar forças para o futuro.

No sétimo capítulo, *O Sacramento do Professor Primário*, é mencionada a história de um professor do primário – o sr. Mansueto, era um homem dedicado, comprometido ao ensinar, atuava até como advogado dos caboclos e negros discriminados. Segundo o autor, na Igreja Primitiva o sacramento não precisa ser apenas um objeto do mundo como uma caneca, um pão, uma vela. A própria história pode ser sacramento. E dentro desta história surgem pessoas que capitalizam o sentido histórico, encarnam a libertação, a graça, a bondade, a abertura ao outro. Jesus Cristo é o sacramento do encontro. Nele "Deus está em forma humana e o humano em forma divina" (p. 47). Ele é caminho, que possui dois movimentos: o descendente, no qual é expressão palpável do amor de Deus e o ascendente, o qual é a forma definitiva do amor do homem.

No capítulo oitavo, *O Sacramento da Casa*, o autor exprime quanto é bom se chegar em casa após uma viagem. E ao utilizar-se dessa metáfora da casa afirma que ela é um sacramento denso e fontal, pois é "a porção do mundo que se tornou sacramental, doméstica, humana, onde cada coisa tem seu lugar e o seu sentido, onde não há nada de estranho" (p. 48). Como se vê na casa-sacramento tudo é sacramental. Mas o autor no nono capítulo, intitulado *Os eixos Sacramentais da vida*, afirma que há densidades sacramentais. Até o século XII (Conc. Trento) tudo que revelava a ação de Deus e a comunhão do homem com Ele era considerado sacramento, fixando os setes que conhecemos hoje. O *Batismo* é o nascimento para Deus e sublima como participação na vida de Cristo. O

sacramento da *Confirmação* é o da madureza cristã. A *Eucaristia* desdobra o sentido latente do comer como participação na própria vida divina. O *Matrimônio* sublinha a gratuidade do amor e a presença de Deus nele. A *Unção dos enfermos* expressa o poder salvífico de Deus. O sacramento da *Penitência* articula a experiência do perdão e o encontro entre o filho pródigo e o Pai bondoso. O da *Ordem* consagra pessoas para o serviço e a reconciliação.

No décimo capítulo – *Em que sentido Jesus Cristo é o autor dos sacramentos?*, o autor retrata que o plano salvífico de Deus, denominado sacramento ou mistério, se mediatiza em gestos ritos ou ações que encarnam, visibilizam e comunicam a salvação. Estas ações ou ritos são denominados também de sacramentos. O sentido em que Jesus é o autor dos sacramentos é enquanto Verbo eterno, ele se comunicava em amor e salvação nos ritos que expressavam a relação dos homens para com o alto. E tudo está vinculado com seu Mistério e tudo possui uma profundidade mística.

No décimo primeiro capítulo, *O Sacramento da Palavra dada*, diz que a presença da graça divina no sacramento não depende da santidade seja de quem administra o sacramento, seja daquele que o recebe. A causa da graça não é o homem e seus méritos, mas o próprio Deus. O termo usado pelo concílio “*ex opere operato*” (em virtude do próprio rito realizado) quer dizer: “uma vez realizado o rito sacramental, colocados os sagrados símbolos, Jesus Cristo age e se torna presente e isto em virtude da promessa de Deus mesmo” (p. 66).

No décimo segundo capítulo, *O sacramento da resposta dada e do encontro celebrado*, a partir da história dos desencontros e encontro das famílias Savoldi e dos Rothaus, Boff apresenta que o sacramento é proposta de Deus, mas também resposta humana. E somente na acolhida humilde do fiel é que o sacramento se realiza plenamente e frutifica. Outra bela figura de sacramento é a do encontro, pois “o sacramento emerge, fundamentalmente, como encontro do Deus que des-cende ao homem e do homem que as-cende para Deus” (p. 70). O concílio de Trento expressou a necessidade da abertura e conversão da pessoa para a eficácia do sacramento. Deus quer, mas é preciso que o homem também queira. E mais, exige compromisso, engajamento.

No penúltimo capítulo, *O Dia-bólico e o Sim-bólico no Universo Sacramental*, é assegurado que o sacramento possui um momento simbólico de unir, recordar e trazer presente. O sacramento expressa a fé e a alimenta também. Ao expressar-se o homem modifica a si mesmo e o mundo, e elabora gestos e palavras que se formam em alimento para sua fé e para sua religião. O sacramento é rememorativo – recorda o passado, comemorativo – celebra uma presença no aqui e agora da fé e antecipativo – antecipa o futuro para dentro do presente. Mas há também um momento dia-bólico, de separar, escandalizar e levar a desvios.

No décimo quarto e último capítulo, é apresentado a *Conclusão: a Sacramentologia em proposições sintéticas*, e vale destacar que o sacramento só o é no horizonte da fé. Esta que significa encontro vital e acolhida de Deus na vida exprime seu encontro com Deus através de objetos, gestos, palavras. Estas supõem a fé, exprimem a fé e alimentam a fé. Porque a fé implica conversão, o sacramento só é eficaz e se realiza plenamente quando expressar a conversão e levar à conversão, pois “sacramento com conversão é salvação” (p. 84). Por fim, pode-se dizer que o autor afinge seu objetivo quando propõe encontrar no solo da vida e dos acontecimentos os sinais transcendentais que se legitimam como sacramentos. E mais do que falar dos sacramentos, Boff deixou que os sacramentos falassem ao recordar fatos, ritos e objetos do comum de sua vida, remetendo aos leitores, os fatos sacramentais de nossa história pessoal.

12. Os sacramentos significam três coisas: *a causa santificante, que é a Morte e Ressurreição de Cristo; o efeito santificante ou graça; e o fim da santificação, que é a glória eterna.* «O sacramento é sinal rememorativo daquilo que o precedeu, isto é, da paixão de Cristo; e demonstrativo daquilo que em nós a paixão de Cristo realiza, isto é, da graça; e prognóstico, quer dizer, que anuncia de antemão a glória futura». O signo sacramental, próprio de cada sacramento, é constituído por coisas (elementos materiais – água, azeite, pão, vinho – e gestos humanos – ablução, unção, imposição das mãos, etc.), que se chamam matéria; e também por palavras que o ministro do sacramento pronuncia, que são a forma. Na realidade, *«cada celebração sacramental é um encontro dos filhos de Deus com o seu Pai, em Cristo e no Espírito Santo. Tal encontro exprime-se como um diálogo, através de ações e de palavras»* (Catecismo, 1153). Enfim, *«A liturgia é "ação" do "Cristo total" (Christus totus)»* (Catecismo, 1136), por isso *«é toda a comunidade, o corpo de Cristo unido à sua Cabeça, que celebra»* (Catecismo, 1140). No centro da assembleia encontra-se o próprio Jesus Cristo (cf. Mt 18, 20), agora ressuscitado e glorioso. Cristo precede a assembleia que celebra. Ele – que atua inseparavelmente unido ao Espírito Santo – convoca-a, reúne-a e ensina-a. Ele, o Sumo e Eterno Sacerdote é o principal protagonista da ação ritual que torna presente o evento fundador, embora se sirva dos seus ministros para representar (para tornar presente, real e verdadeiramente, no aqui e agora da celebração litúrgica) o seu sacrifício redentor e tornar-nos participantes dos dons conviviais da sua Eucaristia<sup>21</sup>.

13. Ainda se tratou da LITURGIA como AÇÃO DE GRAÇAS, SÚPLICA e PEDIDO DE PERDÃO. A missa também pode ser chamada de eucaristia, ou seja, AÇÃO DE GRAÇAS. E a partir da passagem do servo de Abraão pudemos ter uma noção do que é uma oração eucarística ou de ação de graças. Pois bem, esta atitude de ação de graças recebe o nome de *berakah* em hebraico, que traduzindo-se para o grego originou três outras palavras: *eulogia*, que traduz-se por bendizer; *eucharistia*, que significa gratidão pelo dom recebido de graça; e *exomologia*, que significa reconhecimento ou confissão. Diante da riqueza desses significados podemos nos perguntar: quem dá graças a quem? Ou melhor, dizendo, quem dá dons, quem dá bênçãos a quem? Diante dessa pergunta podemos perceber que *Deus dá graças a si mesmo*, uma vez que sendo uma comunidade perfeita o Pai ama o Filho e se dá por ele e o Filho também se dá ao Pai, e deste amor surge o Espírito Santo. Por sua vez, *Deus dá graças ao homem*, uma vez que não se poupou nem de dar a si mesmo por nós e em resposta o *homem dá graças a Deus*, reconhecendo-se criatura e entregando-se ao amor de Deus. Ora, *o homem também dá graças ao homem*, através da doação ao próximo a exemplo de Deus. Também o *homem dá graças à natureza*, respeitando-a e tratando-a como criatura do mesmo Criador. O problema ecológico que atravessamos é, sobretudo, um problema eucarístico. *A natureza também dá graças ao homem*, se respeitada e amada. *A natureza dá graças a Deus* estando a serviço de seu criador a todo instante. A partir desta visão da ação de graças começamos a perceber que a Missa não se reduz apenas a uma cerimônia realizada nas Igrejas, ao contrário, a celebração da Eucaristia é a vivência da ação de Deus em nós, sobretudo através da libertação que Ele nos trouxe em seu Filho Jesus. Cristo é a verdadeira e definitiva libertação e aliança, levando à plenitude a libertação do povo judeu do Egito e a aliança realizada aos pés do monte Sinai. Segundo o Documento 43 da CNBB, as outras duas dimensões são dispostas desta forma:

#### **4. Súplica e intercessão**

69. Toda oração litúrgica é feita na "unidade do Espírito Santo". Precisamos dele para que nossa oração não seja um programa que impomos a Deus em

---

<sup>21</sup> Cf. J. Ratzinger, **Introdução ao Espírito da Liturgia**, Edições Paulinas, 2002.

nosso favor, mas reconhecimento do poder e bondade sem limites do Senhor que, fazendo vir a nós o seu Reino, nos livra de todo o mal. Pedimos por nós e pelo mundo.

70. A súplica é sobretudo reconhecimento da grandeza de Deus, que nos socorre, e não apenas consciência de nossa incapacidade. Por isso, pedimos ao Espírito que nos ensine o que devemos pedir (cf. Rm 8,26).

### **5. Pedido de perdão**

71. A nossa condição de humanidade pecadora põe em realce a misericórdia de Deus. Pedir perdão é oração humilde, sincera e alegre, no encontro com a Misericórdia infinita, que perdoa os muitos pecados a quem muito ama (cf. Lc 7,47)<sup>24</sup>. É Cristo vítima, que morre e ressuscita e é celebrado na Liturgia, quem dá sentido também aos nossos sofrimentos; transformados em atitudes de oração penitencial, completam em nós, seus membros, a sua Paixão dolorosa (cf. Cl 1,24)<sup>22</sup>.

14. A LITURGIA enquanto GLORIFICAÇÃO à TRINDADE prevista no ensinamento do Catecismo da Igreja Católica<sup>23</sup>.

## CAPÍTULO PRIMEIRO O MISTÉRIO PASCAL NO TEMPO DA IGREJA

### ARTIGO 1 A LITURGIA – OBRA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

#### **I. O Pai, fonte e fim da liturgia**

**1077.** «Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, nos céus, nos encheu de toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que, n' Ele, nos escolheu antes da criação do mundo, para sermos, na caridade, santos e irrepreensíveis na sua presença. Destinou-nos de antemão a que nos tornássemos seus filhos adoptivos por Jesus Cristo. Assim aprovou à sua vontade, para que fosse enaltecida a glória da sua graça, com a qual nos favoreceu em seu Filho muito amado» (Ef 1, 3-6).

**1078.** Abençoar é uma ação divina que dá a vida e de que o Pai é a fonte. A sua bênção é, ao mesmo tempo, palavra e dom («bene-dictio», «eulogia»). Aplicada ao homem, tal palavra significará a adoração e a entrega ao seu Criador, em ação de graças.

**1079.** Desde o princípio até à consumação dos tempos, toda a obra de Deus é bênção. Desde o poema litúrgico da primeira criação até aos cânticos da Jerusalém celeste, os autores inspirados anunciam o desígnio da salvação como uma imensa bênção divina.

**1082.** Na liturgia da Igreja, a bênção divina é plenamente revelada e comunicada: o Pai é reconhecido e adorado como a Fonte e o Fim de todas as bênçãos da criação e da salvação; no seu Verbo – encarnado, morto e ressuscitado por nós –, Ele cumula-nos das suas bênçãos e, por Ele, derrama nos nossos corações o Dom que encerra todos os dons: o Espírito Santo.

**1083.** Compreende-se então a dupla dimensão da liturgia cristã, como resposta de fé e de amor às «bênçãos espirituais» com que o Pai nos gratifica. Por um lado, a Igreja, unida ao seu Senhor e «sob a ação do Espírito Santo», bendiz o Pai «pelos seus dons inefáveis» (2 Cor 9, 15), mediante a adoração, o louvor e a ação de graças. Por outro lado, e até à consumação do desígnio de Deus, a Igreja não cessa de oferecer ao Pai «a oblação dos seus próprios dons» e de Lhe implorar que envie o Espírito Santo

<sup>22</sup> CNBB, **Documento 43; Animação da Vida Litúrgica no Brasil**, p. 31, Ed. Paulinas, 1989.

<sup>23</sup> **CATECISMO da IGREJA CATÓLICA**. Petrópolis: Vozes, 1993.

sobre esta oblação, sobre si própria, sobre os fiéis e sobre o mundo inteiro, a fim de que, pela comunhão na morte e ressurreição de Cristo-Sacerdote e pelo poder do Espírito, estas bênçãos divinas produzam frutos de vida, «para que seja enaltecida a glória da sua graça» (Ef 1, 6).

## **II. A ação de Cristo na liturgia**

### **CRISTO GLORIFICADO...**

**1084.** «Sentado à direita do Pai» e derramando o Espírito Santo sobre o seu corpo que é a Igreja, Cristo age agora pelos sacramentos, que instituiu para comunicar a sua graça. Os sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações), acessíveis à nossa humanidade atual. Realizam eficazmente a graça que significam, em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo.

**1085.** Na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente o seu mistério pascal. Durante a sua vida terrena, Jesus anunciava pelo seu ensino e antecipava pelos seus atos o seu mistério pascal. Uma vez chegada a sua «Hora» (3), Jesus vive o único acontecimento da história que não passa jamais: morre, é sepultado, ressuscita de entre os mortos e senta-Se à direita do Pai «uma vez por todas» (Rm 6, 10; Heb 7, 27; 9, 12). É um acontecimento real, ocorrido na nossa história, mas único; todos os outros acontecimentos da história acontecem uma vez e passam, devorados pelo passado. Pelo contrário, o mistério pascal de Cristo não pode ficar somente no passado, já que pela sua morte, Ele destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição *permanece* e atrai tudo para a vida.

## **III. O Espírito Santo e a Igreja na liturgia**

**1091.** Na liturgia, o Espírito Santo é o pedagogo da fé do povo de Deus, o artífice das «obras-primas de Deus» que são os sacramentos da Nova Aliança. O desejo e a obra do Espírito no coração da Igreja é que nós vivamos da vida de Cristo ressuscitado. Quando Ele encontra em nós a resposta da fé que suscitou, realiza-se uma verdadeira cooperação. E, por ela, a liturgia torna-se a obra comum do Espírito Santo e da Igreja.

**1092.** Nesta dispensação sacramental do mistério de Cristo, o Espírito Santo age do mesmo modo que nos outros tempos da economia da salvação: prepara a Igreja para o encontro com o seu Senhor; lembra e manifesta Cristo à fé da assembleia; torna presente e atualiza o mistério de Cristo pelo seu poder transformante; e finalmente, enquanto Espírito de comunhão, une a Igreja à vida e à missão de Cristo.

### **O ESPÍRITO SANTO PREPARA PARA ACOLHER CRISTO**

**1093.** O Espírito Santo realiza, na economia sacramental, as figuras da *Antiga Aliança*. Uma vez que a Igreja de Cristo estava «admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança», a liturgia da Igreja conserva, como parte integrante e insubstituível, fazendo-os seus, elementos do culto dessa Antiga Aliança:

- principalmente a leitura do Antigo Testamento;
- a oração dos Salmos;
- e sobretudo, o memorial dos acontecimentos salvíficos e das realidades significativas, que encontraram o seu cumprimento no mistério de Cristo (a Promessa e a Aliança, o Êxodo e a Páscoa, o Reino e o Templo, o Exílio e o regresso).

**1094.** É com base nesta harmonia dos dois Testamentos que se articula a catequese pascal do Senhor e, depois, a dos Apóstolos e dos Padres da

Igreja. Esta catequese desvenda o que estava oculto sob a letra do Antigo Testamento: o mistério de Cristo. É chamada «tipológica», porque revela a novidade de Cristo a partir das «figuras» (*tipos*) que a anunciavam nos factos, palavras e símbolos da primeira Aliança. Por esta releitura no Espírito de verdade a partir de Cristo, as figuras são desvendadas. Assim, o dilúvio e a arca de Noé prefiguravam a salvação pelo Batismo, tal como a nuvem, a travessia do Mar Vermelho e a água do rochedo eram figura dos dons espirituais de Cristo; e o maná do deserto prefigurava a Eucaristia, «o verdadeiro Pão do céu» (Jo 6, 48).

**1095.** É por isso que a Igreja, especialmente por ocasião dos tempos do Advento, da Quaresma e sobretudo na noite da Páscoa, relê e revive todos estes grandes acontecimentos da história da salvação no «hoje» da sua liturgia. Isso, porém, exige igualmente que a catequese ajude os fiéis a abrirem-se a esta inteligência «espiritual» da economia da salvação, tal como a liturgia da Igreja a manifesta e no-la faz viver.

### **O ESPÍRITO SANTO ACTUALIZA O MISTÉRIO DE CRISTO**

**1104.** A liturgia cristã não se limita a recordar os acontecimentos que nos salvaram: atualiza-os, torna-os presentes. O mistério pascal de Cristo celebra-se, não se repete; as celebrações é que se repetem. Mas em cada uma delas sobrevém a efusão do Espírito Santo, que atualiza o único mistério.

**1105.** A *epiclese* («invocação sobre») é a intercessão mediante a qual o sacerdote suplica ao Pai que envie o Espírito santificador para que as oferendas se tornem o corpo e o sangue de Cristo e para que, recebendo-as, os fiéis se tornem eles próprios uma oferenda viva para Deus.

**1106** Juntamente com a anamnese, a *epiclese* é o coração de qualquer celebração sacramental, e mais particularmente da Eucaristia: «*Tu perguntas como é que o pão se torna corpo de Cristo, e o vinho [...] sangue de Cristo? Por mim, digo-te: o Espírito Santo irrompe e realiza isso que ultrapassa toda a palavra e todo o pensamento. [...] Baste-te ouvir que é pelo Espírito Santo, do mesmo modo que é da Santíssima Virgem e pelo Espírito Santo que o Senhor, por Si mesmo e em Si mesmo, assumiu a carne*».

**1107.** O poder transformante do Espírito Santo na liturgia apressa a vinda do Reino e a consumação do mistério da salvação. Na expectativa e na esperança. Ele faz-nos realmente antecipar a comunhão plena da Santíssima Trindade. Enviado pelo Pai, que atende a *epiclese* da Igreja, o Espírito dá a vida aos que O acolhem e constitui para eles, desde já, as «arras» da sua herança.

### **A COMUNHÃO DO ESPÍRITO SANTO**

**1108.** A finalidade da missão do Espírito Santo em toda a ação litúrgica é pôr-nos em comunhão com Cristo, para formarmos o seu corpo. O Espírito Santo é como que a seiva da Videira do Pai, que dá fruto nos sarmentos. Na liturgia, realiza-se a mais íntima cooperação do Espírito Santo com a Igreja. Ele, Espírito de comunhão, permanece indefectivelmente na Igreja, e é por isso que a Igreja é o grande sacramento da comunhão divina que reúne os filhos de Deus dispersos. O fruto do Espírito na liturgia é, inseparavelmente, comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna.

**1109.** A *epiclese* é também oração pelo pleno efeito da comunhão da assembleia no mistério de Cristo. «*A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo*» (2 Cor 13, 13) devem estar sempre conosco e dar frutos, para além da celebração eucarística. Por isso, a Igreja pede ao Pai que envie o Espírito Santo, para que faça da vida dos fiéis uma oferenda viva para Deus pela transformação espiritual à imagem de Cristo, pela preocupação com a unidade da Igreja e pela participação na sua missão, mediante o testemunho e o serviço da caridade.

## 15. A dimensão LITURGICA enquanto COMPROMISSO e MISSÃO<sup>24</sup>.

### **Pilar do Pão: liturgia e espiritualidade**

160. A eucaristia e a Palavra são elementos essenciais e insubstituíveis para a vida cristã. Para que a comunidade de fé seja casa aberta para todos, exercendo o acolhimento ativo, a dinâmica da saída como conatural à sua existência, ela precisa se nutrir do essencial, daquele "Pão da vida" (Jo 6,35) que revigora para a caminhada rumo ao Reino definitivo. A liturgia é o coração da comunidade. Ela remete ao Mistério e, a partir deste, ao compromisso fraterno e missionário.

161. Em consequência, "as comunidades eclesiais que se reúnem em torno da Palavra precisam valorizar o domingo, o Dia do Senhor, como o dia em que a família cristã se encontra com o Cristo. O domingo, para o cristão, é o dia da alegria, do repouso e da solidariedade" (CNBB, Doc. 100, n. 276-277). Essa valorização do dia do Senhor exige ações concretas como: manter as Igrejas abertas; cuidar que haja clima efetivo de acolhida àqueles que chegam; flexibilizar horários para atender as necessidades dos fiéis; oferecer oportunidade de participar da celebração da Palavra onde efetivamente não for possível a celebração eucarística; incentivar a criação da pastoral litúrgica; valorizar o ministério da celebração da Palavra de Deus; cuidar da qualidade da música litúrgica.

162. É necessário promover uma liturgia essencial, que não sucumba aos extremos do subjetivismo emotivo nem tampouco da frieza e da rigidez rubricista e ritualística, mas que conduza os fiéis a mergulhar no mistério de Deus, sem deixar o chão concreto da história de fora da oração comunitária. "A verdadeira celebração e oração exigem conversão e não criam fugas intimistas da realidade, ao contrário, remetem à solidariedade e à alteridade" (CNBB, Doc. 100, n. 279). A comunidade deve beber da riqueza da Reforma Litúrgica, a fim de evitar retrocessos que afetam a vida das comunidades cristãs que assimilaram as determinações do Concílio Vaticano II.

163. Em um tempo de individualismo extremo, onde o eu parece ser o centro de tudo, é preciso dar o salto para uma espiritualidade comunitária, no qual a oração pessoal e comunitária sejam abertas ao coletivo, especialmente aos que estão nas periferias sociais, existenciais, geográficas e eclesiais. "É necessário evitar a separação entre culto e misericórdia, liturgia e ética, celebração e serviço aos irmãos" (CNBB, Doc. 100, n. 275)<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> MARTÍN, Julián López. **A Liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral**. São Paulo: Paulinas, 2006.

<sup>25</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**. Brasília/DF: Edições CNBB, 2019. (Documento 109).